

O adolescente e a escolha profissional

2.1.

A adolescência e suas transformações

O momento da escolha profissional ocorre na adolescência, período em que há a busca de uma identidade e vários questionamentos. O adolescente encontra-se numa fase de transição, pois de um lado estão seus interesses de criança e do outro o mundo adulto. Segundo Cole (2003), ele está preso entre dois mundos, um é o mundo da dependência e o outro o da responsabilidade. Desta forma, é considerado uma criança pelos pais para certas decisões e também deve responsabilizar-se por suas escolhas.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2009), nas sociedades industriais, o conceito de adolescência como um período de desenvolvimento é bem recente. Nos Estados Unidos, até o começo do século XX, os jovens eram considerados crianças até deixarem a escola, casarem ou arranjar um emprego e entrarem no mundo adulto. Por volta da década de 1920, com a criação das escolas de ensino médio, para atender às necessidades de uma economia industrial e comercial em crescimento, e com mais famílias capacitadas para sustentar a educação formal para seus filhos, os anos adolescentes passaram a ser vistos como um período distinto do desenvolvimento. Segundo as autoras, em algumas sociedades pré-industriais, como a dos índios Chippewa, o conceito de adolescência ainda não existe. Os Chippewa têm apenas dois períodos na infância: do nascimento até quando a criança começa a andar, e deste momento até a puberdade.

As autoras acreditam que a adolescência é uma construção social e que antes do século XX, não existia este conceito. Hoje, a entrada na vida adulta leva mais tempo e é menos definida. A puberdade começa mais cedo e o início da vida profissional tende a ocorrer mais tarde, pois requer períodos mais longos de

educação ou treinamento profissional para que o sujeito possa assumir as responsabilidades da vida adulta.

Ximenes (2004) também compartilha desta visão, ressaltando que, neste fim de século, devido à exigência de qualificação acadêmica e profissional que possibilite ao jovem tornar-se um adulto de sucesso, o período da adolescência vem se ampliando em algumas organizações familiares e segmentos sociais, particularmente, nas camadas mais favorecidas da sociedade. A duração da adolescência tem aumentado devido às grandes exigências educacionais e, também, por causa da falta de oportunidades de trabalho. Percebe-se que a concepção desta fase do ciclo de vida precisa ser compreendida em seu contexto sociocultural e econômico, podendo ser mais valorizada ou até ignorada em certas sociedades.

A autora acredita que o tempo de maior permanência dos filhos na casa dos pais tem permitido que seja instituída a ditadura dos filhos ou o filiarcado, período em que há um grande investimento na formação e qualificação profissional do adolescente. Esse novo momento tem elevado a adolescência a uma posição de destaque entre as fases da vida humana, prolongando-se num tempo cronológico, nas sociedades modernas, criando uma nova modalidade de adolescentes nomeados de adolescentes tardios, ou seja, aqueles que ainda estão estudando, sem vínculo de trabalho definido e permanecem vivendo no espaço familiar.

Nos mais variados campos do conhecimento, a adolescência vem-se constituindo objeto de interesse e de investigação, desde que o perfil da sociedade moderna ocidental alterou-se e redesenhou-se em função das grandes transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram, principalmente, a partir da Segunda Guerra Mundial. A definição do que é a adolescência foi discutida em reuniões da Organização Mundial de Saúde (OMS). Sendo assim, de acordo com a OMS, a adolescência corresponde a um período em que: o indivíduo passa da fase do aparecimento dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual; os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a adulta e a transição do estado de dependência passa a outro de relativa independência. Então, fica-se entendido que não se impõem limites específicos à adolescência e que este termo corresponde a uma classificação social que varia tanto em sua composição, como em suas implicações (Reis e Zioni, 1993).

Para Castanho (1988), o início da adolescência é marcado pela puberdade, que é um processo, essencialmente, hormonal, de maturação e crescimento, onde ocorrem as mudanças biológicas mais acentuadas do ciclo de vida humano. Além dos aspectos orgânicos e metabólicos, a adolescência é um processo psicológico e social, que tem início a partir das transformações da puberdade. Por envolver um processo biológico, a puberdade é universal e todo ser humano passa por ela de forma semelhante. Já, a adolescência é um fenômeno psicológico, que depende de critérios sociais e culturais para ser definida e a sua duração varia de cultura para cultura.

Segundo Dadoorian (2000), alguns autores diferenciam a adolescência e a puberdade. Apesar da adolescência começar com a puberdade, dela se diferencia por se tratar de um fenômeno psicossocial, específico da espécie humana, enquanto a puberdade se caracteriza por ser um fenômeno biológico, comum aos homens e aos animais. A puberdade aparece constantemente ao longo da história como um período de transformação natural do organismo humano. Na adolescência, misturam-se manifestações biológicas e as preocupações psicológicas e sociais.

Mansão (2000) nos fala que, ao atingir a adolescência, o ser humano passa por uma série de adaptações, tais como, a mudança do papel de ser cuidado para o de ser responsável, e a brincadeira é substituída pelo trabalho no ser adulto mais amplo. Neste momento, o adolescente faz a si próprio uma série de questionamentos.

Lisboa (1997) acredita que adolescência é uma das fases mais complexas para o ser humano, pois gera instabilidades e inseguranças devido à profundidade das transformações que acontecem. É um momento em que o sujeito é invadido, biológica e socialmente, por exigências nunca antes experimentadas. Em relação ao biológico, há uma série de transformações corporais, a partir das mudanças hormonais. A invasão social acontece devido à expectativa de um comportamento diferente do infantil, coerente com um comportamento adulto, assumindo responsabilidades, passando pela inserção no mundo do trabalho que, dependendo da classe social, inicia-se com a escolha da futura profissão.

Para a autora, na construção da identidade do adolescente, alguns elementos se destacam por serem diferenciados da identidade infantil. As figuras de identificação, base para a formação da identidade, até este momento, foram, principalmente, os pais. No entanto, na fase da adolescência, outras figuras tomam

o lugar de maior importância, acontecendo, inclusive, a perda do lugar dos pais frente a elas. Estas figuras são, por exemplo, o grupo de amigos, os personagens que se evidenciam nos esportes, música, cinema e televisão e os professores.

De acordo com Castanho (1988), os adolescentes rebelam-se contra o domínio dos pais, seu sistema de valores e a intromissão em sua vida particular, uma vez que precisam separar sua identidade da identidade de seus progenitores. No entanto, há uma grande necessidade de pertencer a um grupo social. Os companheiros de idade e o grupo de amigos os ajudam a se encontrar e a definir quem ele é dentro de certo contexto social.

Uma das tarefas principais da adolescência é a estruturação da identidade que, embora comece a ser moldada desde o início da vida do sujeito, é na adolescência que ela se define. A identidade se organiza a partir das inúmeras identificações: primeiramente, com a mãe, logo em seguida com o pai e depois com outros membros da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos e pessoas da sociedade em geral. Inicialmente, o bebê vive um estado de fusão com a mãe e, posteriormente, há uma interdição do pai, rompendo este vínculo simbiótico. Este é um momento fundamental e estruturante para a criança. Já a organização da identidade, ocorre na adolescência, e é um processo que, como os outros acontecimentos desta fase, se dá com turbulências, provocando perplexidade nos adultos (Outeiral, 1994).

Carvajal (1998) relata que a base fundamental para a constituição da identidade na adolescência ocorre a partir dos questionamentos e rupturas com os modelos adultos significativos. Ao mesmo tempo em que repudia tudo o que está relacionado à infância, também questiona, destrói e reconstrói os modelos adultos que lhe foram apresentados até então. O adolescente possui uma necessidade de se diferenciar, romper com a relação fusional pais-criança da infância, conseguindo conquistar aos poucos sua independência psicológica e formar sua própria identidade.

Segundo o autor, o jovem vivencia três momentos, para que este processo de desconstrução e reconstrução se complete: adolescência puberal, nuclear e juvenil. Na adolescência puberal, há transformações corporais intensas, passando até por vivências de despersonalização. Surgem atitudes de desobediência, desafio e denegrimiento dos pais. O adolescente vai percebendo que seus pais não eram perfeitos como acreditava e nessa fase passa a perceber seus defeitos e limitações.

Ele não quer mais ser tratado como criança, ocorrem mudanças no humor, sonolência, decorrentes das intensas transformações hormonais pelas quais está passando.

Na adolescência nuclear, há um investimento afetivo no grupo e um desinvestimento afetivo nos pais. Os pais vão deixando de ser a referência e o grupo assume essa função. O grupo é formado por pares do mesmo sexo e é ele que passará a ditar as normas e suas regras de conduta, por isso é muito importante ser aceito no grupo e a possibilidade de exclusão é assustadora.

Na adolescência juvenil, acontece uma retomada do modelo adulto e um distanciamento progressivo do grupo. O comportamento do jovem com seus pais e adultos significativos se modifica. Na área afetiva, começa o namoro sério e no campo profissional passa a se envolver mais com a escolha profissional realizada.

As transformações da adolescência envolvem, entre outros aspectos, três perdas fundamentais: perda do corpo infantil, pois o adolescente precisa se acostumar com um corpo diferenciado; perda da identidade infantil, pois perde a proteção dada a todo o momento pelos pais na infância, devendo se acostumar com os novos direitos e deveres exigidos; e perda dos pais da infância, já que o adolescente começa a perceber os defeitos e os atributos humanos destes, passando a ver os pais não mais como os “heróis” que ele imaginava, e sim como seres humanos passíveis de erro. Estas perdas são elaboradas, gradualmente, no processo de luto, no qual vai ocorrendo um desinvestimento destes aspectos da infância, para dar lugar à nova condição que vai surgindo (Aberastury, 1971).

Segundo Mahl, Soares e Oliveira Neto (2005), o que chamamos de perda constitui-se também em ganhos e aquisições, pois a perda do corpo infantil é, na realidade, a aquisição do corpo adulto, ou pelo menos um processo para essa aquisição.

Para Garcia-Preto (1995), a adolescência exige mudanças estruturais e a renegociação de papéis na família, envolvendo pelo menos três gerações de parentes. A necessidade do adolescente de maior autonomia e independência tende a iniciar mudanças nos relacionamentos entre as gerações. A luta para satisfazer as demandas adolescentes, freqüentemente, faz aflorar conflitos não-resolvidos entre os pais e avós ou entre os próprios pais. Parece existir uma reação em cadeia, recíproca, de satisfazer e fazer exigências entre as gerações, que é precipitada pelos adolescentes da geração mais jovem.

Conforme exposto, anteriormente, o adolescente passa por uma crise de identidade, onde há um conflito entre o desejo de individuação, progressão e crescimento, e o desejo de manter-se na condição infantil, desfrutando dos privilégios de ser criança. Teixeira e Hashimoto (2005) chamam a atenção para um conflito equivalente que ocorre nos pais, que ficam entre o desejo de dependência dos seus filhos e o desejo de que eles se tornem independentes. Alguns pais podem ver a independência do filho como uma representação do seu envelhecimento ou, também, como uma ameaça ao lugar e à imagem que ocupam na dinâmica familiar, por exemplo, sua posição de autoridade. Assim, eles poderiam desejar de forma inconsciente, que seus filhos continuassem “crianças” em função de suas próprias necessidades.

Além disso, começam a aparecer os primeiros confrontos com a família, pois as expectativas e os desejos vão aparecendo de forma mais clara e o adolescente fica confuso, pois precisa diferenciá-los de seus próprios desejos. Segundo Santos (2005), os pais podem reviver os seus conflitos da adolescência, pois diante da adolescência dos filhos, eles revivem as suas próprias situações edípicas conflituosas, ressentem-se do afastamento dos filhos e precisam elaborar uma série de lutos associados ao amadurecimento dos seus próprios filhos e ao seu próprio envelhecimento. As crises vivenciadas pelo adolescente e sua família incluem, também, as oscilações em sua definição profissional, questionamentos quanto à escolha de uma profissão rentável e segura, mas que não satisfaz, ou a opção por uma atividade que é atrativa, mas que não traz estabilidade financeira.

O adolescente encontra-se num processo evolutivo, no qual ocorre tanto uma desestruturação, como uma reorganização da identidade, marcando as instabilidades tão frequentes desta fase. Portanto, no momento da escolha profissional, deve-se levar em consideração, também, os aspectos particulares da adolescência. Quando se escolhe uma profissão, vislumbra-se, de forma mais concreta, a possibilidade de individuação e de independência (Teixeira e Hashimoto, 2005).

Sobre a crise de identidade na adolescência, Bohoslavsky (1991) diz que “todo adolescente é uma pessoa em crise, na medida em que está desestruturando e reestruturando, tanto seu mundo interior como suas relações com o mundo exterior” (p. 61).

Ximenes (2004) acredita que a aquisição da identidade não se constitui uma tarefa individual e solitária do adolescente, mas responde a um processo de

interação grupal, iniciado na família, desde a infância, mediado pelo contexto cultural em que os papéis sociais, sexuais e de gênero, valores e símbolos são definidos. Para a autora, a identidade é ação, é busca de concretização de atos e sentimentos que levam a um projeto a ser realizado, conquistado, baseado nos valores que foram apreendidos nas relações estabelecidas. Pensar em identidade é refletir sobre um processo de construção e identificação que permite o reconhecimento como pessoa em relação a outras pessoas, com as quais serão vividos e idealizados os projetos de vida pessoais.

A identidade é formada nas diversas relações que se estabelecem entre as pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada sujeito. Desde criança nos identificamos, consciente ou inconscientemente, assumindo e experimentando papéis que irão servir de base para o estabelecimento da identidade futura. Pode-se falar em várias especificidades da identidade, tais como, identidade sexual, identidade ocupacional, etc. Em alguns momentos, a dificuldade em assumir a identidade sexual pode culminar numa dificuldade em assumir a identidade ocupacional, pois ambas estão interligadas (Soares, 2002).

Bohoslavsky (1991) relata que é nas mudanças implícitas da passagem da infância à idade adulta que o sujeito deve achar formas diferentes de se adaptar, encontrando, neste processo, dificuldades onde a magnitude determinará uma adolescência mais ou menos conflitiva ou tensa. Uma das áreas onde também há este ajustamento refere-se ao estudo e ao trabalho vistos como forma de ascender a papéis sociais adultos. Quando este ajustamento se realiza no plano psicológico, diz-se que o sujeito alcançou sua identidade ocupacional. Ela não é considerada como algo definido e sim como um momento de um processo submetido às mesmas leis e dificuldades relacionadas à conquista da identidade pessoal.

O autor acredita que a identidade ocupacional é um aspecto da identidade do sujeito, parte de um sistema mais amplo que a compreende. Além disso, ela é determinada e determinante na relação com toda a personalidade. Desta forma, os problemas vocacionais devem ser entendidos como problemas de personalidade, determinados por obstáculos ou erros das pessoas no alcance da identidade ocupacional.

Segundo Hissa e Pinheiro (2004), a identidade pessoal é resultante de um processo psicossocial que é construído por intermédio da constante dialética de interação entre a história da pessoa e as circunstâncias nas quais ela vive,

incluindo seus valores, crenças, normas e costumes, referentes a múltiplos fatores, como, trabalho, família, ética, dinheiro, prestígio e poder. A construção do projeto de vida faz parte do processo de maturação afetiva e intelectual e engloba o conhecimento de si mesmo e das possibilidades e expectativas familiares, assim como, as informações da realidade social, cultural e econômica em que se vive.

Para as autoras, a formação da identidade ocupacional é um processo que começa desde cedo, quando a criança percebe o trabalho dos que moram na sua casa, imita atividades profissionais nas brincadeiras, entra em contato com o que está a sua volta em livros, jogos, na televisão e na internet.

Durante a vida do adolescente, pais, familiares, professores e ídolos de diversas áreas se apresentaram através do seu fazer, do seu trabalho, seja um trabalho profissional ou um trabalho doméstico, todos trouxeram consigo um modelo de trabalhador. Sendo assim, estas figuras já se faziam presentes e foram introjetadas a partir da identidade infantil. O adolescente corre o risco de idealizar figuras sem base na realidade, confundindo a pessoa com o fazer, o sucesso ou a satisfação de outro no trabalho com as características do trabalho, ou seja, pela identificação, pode deixar de ver objetivamente as particularidades do fazer profissional e os diversos fatores que compõem este fazer (Lisboa, 1997).

De acordo com Bohoslavsky (1991), a identidade ocupacional é a autopercepção em termos de papéis ocupacionais, ao longo do tempo. Ela se relaciona com o desenvolvimento da identidade, entendida em seu amplo sentido. Todo conflito em relação à escolha de uma forma de ser, através de algo a fazer (uma ocupação), expressa uma não integração de identidades variadas, ou seja, todas as dúvidas do adolescente a respeito de “quem quer ser” obedecem a identificações que ainda não se integraram. O adolescente alcança sua identidade ocupacional, quando estas identificações se integram e perdem o caráter defensivo ou protetor original, desta forma, o jovem passa a saber o que quer fazer, de que modo e em que contexto.

Portanto, a formação da identidade ocupacional pertence a cada sujeito, tendo como base a sua história de vida e levando em consideração o seu projeto de vida e as influências recebidas.

2.2.

A escolha da profissão

No meio de todas as transformações da adolescência, o sujeito ainda precisa escolher uma profissão. Nesta escolha, levam-se em consideração os valores, as aspirações, as habilidades, as condições sociais e econômicas e o projeto de vida deste jovem.

O ato de escolher reflete o desejo, o modo de ser e agir, a perspectiva de um futuro de realização e conquistas, por este motivo, ele é tão importante e significativo na definição do projeto de vida pessoal. As alterações no projeto de vida do adolescente terão repercussões diretas no projeto de vida de toda a família, que também precisará de tempo e flexibilidade para se adaptar às novas situações. Com relação à escolha e ao projeto de vida profissional, o desafio conjunto é descobrir novas formas de lidar com as transformações pelas quais vem passando tanto a família, como o universo do trabalho nas sociedades capitalistas e globalizadas (Ximenes, 2004).

Para Lemos e Ferreira (2004), todo processo de escolha envolve um levantamento das possibilidades boas e ruins. Desta forma, é preciso tolerar o ruim, para depois usufruir do bom. Faz-se necessário tolerar as frustrações, “abrindo mão” da fantasia onipotente de que se tem todas as possibilidades, de que se pode tudo. Escolher uma profissão implica saber a respeito dos seus aspectos positivos e negativos e estar consciente de que, ao escolher uma carreira, irá se deparar com os dois lados. A escolha da profissão é apenas a primeira grande escolha de uma sucessão de escolhas que o jovem terá que tomar ao longo da sua carreira profissional. Com o passar do tempo, terá que escolher a área de trabalho dentro da profissão escolhida, em que lugar irá trabalhar, especializações que fará, empresas em que trabalhará, propostas de mudança para outra área, como se promoverá profissionalmente, dentre outras escolhas.

Além das conhecidas profissões de nível superior, cuja escolha, geralmente, ocorre aos 17 ou 18 anos, tendo como requisito o término do ensino médio, houve um crescimento da procura por cursos técnicos, sendo, atualmente, uma forma rápida de se ingressar no mercado de trabalho. Estes cursos têm despertado cada vez mais os interesses de estudantes e profissionais, por terem uma menor duração e oferecerem um aprendizado mais prático. De acordo com Mahl, Soares e Oliveira

Neto (2005), o momento da escolha é determinado socioculturalmente, não estabelecendo nenhuma relação com um pressuposto amadurecimento biopsicossocial.

Nesta faixa etária, o sujeito ainda está num processo de amadurecimento e formação da identidade, sendo assim, a necessidade de escolher uma profissão, prematuramente, pode causar sérias consequências para o futuro profissional do sujeito, tais como, a desistência ou abandono do curso escolhido, insatisfação em relação ao trabalho desempenhado, falta de conhecimento sobre a profissão, mudanças de cursos, atuação profissional em área diferente do diploma recebido, etc.

Segundo Lucchiari (1993), a escolha profissional coincide com a fase do desenvolvimento na qual o adolescente está buscando conhecer melhor seus gostos, interesses e motivações. Na transição da adolescência para a vida adulta, há a necessidade de o indivíduo fazer a escolha de uma profissão, o que, muitas vezes, torna-se motivo de dúvida e insegurança, devido ao despreparo em que ele se encontra. É neste momento que começam a aparecer os primeiros confrontos com a família. As expectativas e desejos da família vão aparecendo de forma mais clara e o adolescente fica confuso, pois precisa diferenciá-los de seus próprios desejos.

Antigamente, era natural que os pais escolhessem a profissão para os filhos, o desejo paterno era visto como um caminho natural e seguro para a escolha profissional. Então, eram os pais quem diziam se o filho seria padre, quem estudaria, e se estudaria direito ou medicina. Hoje em dia, é muito importante acompanhar o avanço da liberdade individual. Se, há algum tempo atrás, tínhamos algumas dezenas de profissões possíveis entre aquelas que exigiam nível médio e superior, hoje, existem mais de uma centena de cursos de graduação, além das pós-graduações possíveis, cursos técnicos, onde precisa-se fazer novas escolhas, oferecendo novas possibilidades. Desta forma, o crescimento das oportunidades de escolha ampliou a possibilidade de o homem exercer seu potencial criativo, no entanto, trouxe outras dificuldades, ainda mais pelo fato de os pais não terem acompanhado estas mudanças e, assim, muitas vezes, não prepararem seus filhos para elas. Portanto, parece existir uma retroalimentação das angústias que, sendo paternas, afetam diretamente aos filhos, assumindo-as como suas (Barreto e Aiello-Vaisberg, 2007).

Levenfus & Nunes (2002) observam que os adolescentes fazem muitas referências a medos despertados pela situação de escolha profissional. De uma forma geral, estes medos referem-se a errar na escolha e ser infeliz, ou ter que mudar de curso. Relatam também as pressões internas e externas que contribuem para dificultar a tomada de decisão de mudança, uma vez já estabelecida a escolha. Esta ansiedade parece estar ligada à realidade, já que diversas pesquisas apontam um alto índice de evasão nas universidades por abandono ou troca de curso. Existe uma tendência nos jovens de idealizar a profissão que pretendem seguir, pois imaginam uma profissão perfeita, ideal, que responderá a todas as suas aspirações e sobre a qual poderão projetar seus sonhos.

Castanho (1988) acredita que este momento é muito conturbado, pois o adolescente está se definindo em termos de profissão e, também, em termos político, religioso, sexual e, ainda, tentando se emancipar dos pais, para ocupar um lugar de adulto dentro da família. Elegar uma profissão é dar início a um caminho que levará à independência, com todas as responsabilidades, obrigações e privilégios de ser dono da própria vida e isto implica em escolher uma forma de participar do sistema de produção vigente.

De acordo com Filomeno (2005), a escolha profissional não é uma escolha isolada, mas um processo contínuo, composto por uma série de decisões que foram tomadas ao longo da vida. Escolher uma profissão não é somente decidir o que fazer, mas, principalmente, decidir quem ser. Escolher uma ocupação é escolher um estilo de vida, uma forma de viver. Quando se escolhe uma profissão, escolhe-se não apenas um curso ou uma atividade de trabalho, mas também o tipo de lugar onde se trabalhará, o ambiente de trabalho, a rotina diária e o retorno que se poderá obter: salários, prestígio, promoção. Sabe-se que todo ato de escolher implica em perdas, pois escolhem-se determinadas opções em detrimento de outras.

“Quem escolhe não está escolhendo somente uma carreira. Está escolhendo com o que trabalhar, está definindo para que fazê-lo, está pensando num sentido para a sua vida, está escolhendo um como, delimitando um quando e onde, isto é, está escolhendo o inserir-se numa área específica da realidade ocupacional. Está definindo quem vai ser, ou seja, está escolhendo um papel adulto e, para fazê-lo, não pode se basear noutra coisa que não o quem é”.

(Bohoslavsky, 1991, p. 79-80)

Macedo (2000) acredita que a escolha é algo particular, portanto, a decisão é de quem escolhe e não deve ser transferida. Geralmente, as maiores decisões e as mais delicadas acontecem em determinadas fases da vida, quando o sujeito está em pleno processo de mudança, por exemplo, na adolescência.

Para Teixeira e Hashimoto (2005), devido à dificuldade de passar pela fase da escolha da profissão, pode acontecer do adolescente definir o que quer muito rapidamente, escolhendo a profissão que foi sugerida pela família, escola, professores, amigos, entre outros. Isto pode acontecer pelo fato de o adolescente não suportar passar pelo processo de escolha, em função das angústias e ansiedades desta fase, tendo que definir uma profissão, o mais rápido possível, para amenizar o sofrimento. Ou, então, o jovem pode não conseguir se decidir entre muitas profissões, pois escolher somente uma significa deixar de viver todas as outras possibilidades. Quando decide-se por uma profissão, deixa-se de lado todas as outras escolhas profissionais, porém ganha-se uma “perspectiva de futuro”.

Nesse processo de decisão, segundo Soares (2002), o jovem pode escolher dentro de diversas opções que são oferecidas pelo sistema econômico e que são restringidas pela classe social à qual pertence e pelas influências familiares. Vários fatores interferem no momento da escolha profissional. A autora fala em fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos.

Fatores políticos – referem-se à política governamental e seu posicionamento frente à educação, em especial ao ensino médio, pós-médio, ensino profissionalizante e universidade. Tem-se observado que o sistema político brasileiro, até agora vigente, não tem dado a devida atenção à área da educação, não lhe enviando os recursos necessários e nem levando a sério as leis que o regulamentam. A falta de uma política educacional compatível com os interesses da população é um fato constante na história do Brasil.

Fatores econômicos – referem-se ao mercado de trabalho, à globalização e à informatização das profissões, à falta de oportunidades, ao desemprego, à dificuldade de tornar-se empregável, à falta de planejamento econômico, à queda do poder aquisitivo da classe média e a todas as influências do sistema capitalista neoliberal em que vivemos. O número de formandos aumentou, mas o mercado de trabalho passou a não absorver na mesma proporção, gerando situações onde profissionais formados em determinados cursos, acabam realizando atividades sem nenhuma relação com a graduação concluída.

Fatores sociais – referem-se à divisão da sociedade em classes sociais, à busca de ascensão social por meio do estudo, à influência da sociedade na família e aos efeitos da globalização na cultura e na família. Estes fatores estão basicamente relacionados à classe social na qual o sujeito nasce e que determinará suas oportunidades de formação profissional e de emprego.

Fatores educacionais – referem-se ao sistema de ensino, à falta de investimento do poder público na educação, à necessidade e aos prejuízos do vestibular e à questão da universidade pública e privada. O ensino superior público passou a ser privilégio de uma parcela cada vez mais reduzida da população, proveniente das camadas economicamente mais favorecidas.

Fatores familiares – referem-se à busca da realização das expectativas familiares em detrimento dos interesses pessoais. Os desejos dos pais em relação à profissionalização dos filhos, seus valores e crenças e como isso influencia na decisão e na fabricação dos diferentes papéis profissionais.

Fatores psicológicos – referem-se aos interesses, às motivações, às habilidades e às competências pessoais, à compreensão e conscientização dos fatores determinantes *versus* a desinformação à qual o sujeito está submetido.

Soares (2002), explica cada um desses fatores e como eles determinam a escolha do indivíduo. Eles são discutidos e pensados, tentando compreender a sua inter-relação.

De acordo com Santos (2005), o processo de escolha de uma profissão é baseado na realidade do adolescente, que vive em família, convive com outras pessoas e com seus pares, construindo a sua história, sendo influenciado por seus pais e por terceiros. O jovem precisa se decidir, construir sua própria identidade e, ao mesmo tempo, tornar esta fase difícil, um momento de união familiar, buscando apoio dentro e fora do seu lar.

Dentre os fatores de influência analisados por Soares (2002), o fator familiar será destacado, pois é o interesse deste trabalho. Acredita-se que a busca da realização das expectativas familiares, em detrimento dos interesses pessoais, exerce uma influência muito forte na decisão dos diferentes papéis profissionais. Os adolescentes se preocupam muito em agradar seus pais, quando pensam em qual profissão pretendem seguir.

Para Lisboa (1997), uma vez que a identidade pessoal do adolescente foi formada com base, principalmente, nas figuras parentais e, secundariamente, a

partir de outras pessoas da família e outras pessoas significativas de fora dela, é esperado que na formação da identidade ocupacional este grupo ocupe um lugar de importância para o adolescente.

“A família é a célula social responsável pela transmissão da ideologia dominante, dos valores morais, dos pensamentos e da cultura. Ela é o elo intermediário entre o social e o indivíduo”.

(Soares, 2002, p. 53)

Segundo Moura e Veiga (2005), apesar do grande reconhecimento da importância das interações familiares no desenvolvimento da identidade ocupacional, somente recentemente o comportamento vocacional relacionado à família tem sido investigado. Nos últimos anos, alguns autores têm discutido que o desenvolvimento da identidade ocupacional poderia ser estudado recorrendo a contextos onde ele ocorre, incluindo fatores derivados da família e do contexto escolar e a influência destes elementos no campo social, econômico, político e tecnológico. O desenvolvimento vocacional é conceitualizado como o resultado de interações dinâmicas entre o sujeito e seu contexto que está em constante transformação.

O grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental e seus valores constituem bases significativas na escolha do adolescente, quer a família atue como grupo positivo de referência, quer atue como grupo negativo de referência. Além disso, as satisfações ou insatisfações dos pais e de outros familiares significativos, com relação ao seu próprio trabalho, exercem um papel importante nas influências que, desde criança, o adolescente recebe em seu lar (Bohoslavsky, 1991).

Andrade (1997) cita o resultado de estudos que realizou, na Universidade de Campinas, na qual constatou que o nível de satisfação dos pais com suas profissões influencia a motivação do jovem para com a sua escolha profissional. Quanto mais os filhos percebem a satisfação profissional dos pais, principalmente, da mãe, maiores são as possibilidades de se motivarem e se sentirem entusiasmados com sua própria carreira.

Sabe-se que a família, ao incentivar certos comportamentos e atitudes das crianças e reprimir outras iniciativas, já começa a interferir no processo de

apreensão da realidade, determinando em parte seus hábitos e interesses. Para o adolescente escolher o que ele quer ser no futuro, é necessário que ele reconheça o que ele foi no passado, as influências sofridas na infância, os fatos que foram mais marcantes na sua vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho que ele for escolher vai possibilitar ou não a realização dessas expectativas (Soares, 2002). As expectativas com relação ao futuro estão carregadas de emoções, de afetos, esperanças, medos e inseguranças, que são tanto do adolescente quanto de seus familiares mais próximos. Os processos afetivos vividos no universo familiar se relacionam e condicionam o tipo de escolha profissional realizado por um dos elementos da família.

Segundo Aylmer (1995), as questões de competitividade, as expectativas e diferenças em relação às realizações profissionais da geração mais velha e da mais nova, frequentemente, inibem uma maior diferenciação do eu na família. Para o jovem, a competitividade reativa para superar os pais ou, em outro extremo, a oposição reativa de mostrar como os pais estavam errados em suas escolhas de vida, geralmente, compromete a energia necessária no mundo externo, vinculando-a a envolvimento familiares improdutivos. Estes conflitos podem provocar desvios inadequados no caminho profissional do jovem, afastando-o daquilo que seria o mais apropriado para as suas reais capacidades e necessidades. Os jovens podem, então, ficar ambivalentes em relação a buscar os conselhos dos pais e de outros membros da família, nesse período de grande estresse.

A estrutura familiar cria, muitas vezes, também, impedimentos à livre escolha e isso se dá tanto de forma explícita (quando os pais falam do seu desejo de que o filho siga a mesma profissão que eles ou realize um sonho que eles não conseguiram realizar), como de maneira mais sutil, através de autoconceitos e opiniões expressas pelos membros familiares, ou seja, o que é falado sobre um curso, uma profissão e uma carreira. Esta última influência ocorre de forma indireta e implícita, o indivíduo vai-se construindo dentro de um sistema familiar com conceitos sobre certas profissões.

A escolha da profissão pode ser objeto de identificação e permitir ao jovem definir sua identidade como profissional. Observamos, muitas vezes, que na profissão escolhida pelo adolescente há um certo número de traços com os quais ele se identifica. A família distribui papéis que os filhos devem desempenhar e isso, muitas vezes, está relacionado ao fato dele “ter que” realizar o sonho dos

pais. Este filho torna-se depositário das aspirações que os pais não conseguiram realizar, assumindo o papel de “delegado”, ou seja, responsável por atuar numa profissão que seus pais, por algum motivo, não puderam realizar. Identificando-se ao ideal de seus pais, o adolescente tenta corresponder à expectativa dos mesmos. Desta forma, a elaboração do projeto profissional fica submetida à influência exercida pela família na reelaboração do ideal de ego na adolescência (Soares-Lucchiari, 1997).

O adolescente pode estabelecer conceitos, valores e preconceitos sobre determinadas profissões, de acordo com o que escuta e vê dentro de casa. O sucesso, o fracasso, as dificuldades, a satisfação ou insatisfação da profissão dos pais pode ir contribuindo para que o adolescente constitua uma imagem dessas profissões. O jovem também pode escolher uma profissão pela proximidade, por conhecer mais, por fazer parte do seu dia-a-dia, e assim, acabar pensando que gosta da mesma (Filomeno, 2005).

Para Lucchiari (1993), escolher é decidir, entre uma série de opções pela que parece ser melhor naquele momento. Então, cada escolha feita faz parte de um projeto de vida que vai-se realizando. De acordo com Mahl, Soares e Oliveira Neto (2005), o jovem, geralmente, escolhe uma profissão sem reconhecer as influências recebidas do ambiente familiar. A genealogia está presente de uma forma ou de outra nas diferentes escolhas realizadas na vida, especialmente, na profissão a seguir. Para os autores, a construção do projeto profissional só terá um significado para o jovem, se ele se reconhecer como parte de um projeto maior de sua família da qual ele se sente como parte integrante.

De acordo com Soares-Lucchiari (1997), é na adolescência que são feitas escolhas relacionadas ao estudo a seguir e também há a escolha de um companheiro. Na medida em que essas escolhas são feitas, o adolescente define sua própria identidade se identificando e se diferenciando de seus pais. Muitas vezes, acontece de os conflitos relacionais não estarem bem resolvidos e a imagem de si mesmo e de seus ideais ainda estarem mal-articuladas e os desejos dos pais e as possibilidades escolares, mal-elaborados. É importante para o adolescente se conformar, de maneira positiva ou negativa, em entrar na herança familiar para se sentir pertencente a uma determinada família. A dificuldade e impossibilidade de escolher estão ligadas, muitas vezes, a situações conflituosas latentes ou manifestas nas relações familiares. A escolha da profissão responderia

aos ideais de ego, conciliados na realização dos desejos familiares mais profundos.

A autora relata que na escolha está presente uma ruptura, que é também um vínculo entre o passado, marcado pelo fato de fazer parte de uma determinada família, com suas relações de dependência aos pais e o futuro, onde se assumirá uma identidade adulta. Sabemos que o sobrenome de uma família permite tomar lugar enquanto individualidade, ou seja, ser um sujeito de uma herança familiar, já a profissão vai permitir tomar lugar enquanto adulto, isto é, como pessoa autônoma na sociedade.

Dias de Andrade (1997) acredita que uma família bem estruturada, na qual o sujeito pôde amadurecer, sendo respeitado e respeitando os demais, onde os potenciais individuais foram adequadamente otimizados, gerará sujeitos mais seguros e otimistas em seu projeto de carreira, havendo desta forma, uma escolha profissional mais centrada. No entanto, uma família na qual o sujeito se desenvolveu de forma deficitária ou destrutiva, gerará sujeitos inseguros e limitados em seus potenciais ocupacionais, gerando insegurança neste processo decisório.

Estar atento à influência da família, no momento em que o adolescente está escolhendo sua profissão, é de extrema importância, pois a família é a base do desenvolvimento psicossocial do ser humano. Desde que nasce, a criança é inserida em um meio familiar, no qual se estrutura, se constitui e se constrói como sujeito (Filomeno, 2005). É muito importante compreender esse processo, para poder contribuir com uma orientação adequada.

Observa-se uma forte tendência de filhos de pais com curso superior, seguirem carreiras de nível superior. Além disso, há famílias nas quais várias gerações se dedicam a uma única carreira, por exemplo, famílias onde em todas as gerações sempre tem membros que são médicos. Muitas vezes, fica difícil escolher uma profissão diferente, pois não se pode romper esta “perpetuação profissional”. De forma igualmente numerosa, existem muitos adolescentes sendo forçados a seguir carreiras familiares totalmente desvinculadas de suas realidades pessoais, o que os torna infelizes, incompetentes e extremamente insatisfeitos (Dias de Andrade, 1997).

Além de tudo que já foi discutido, ao escolher uma profissão, o adolescente precisa conviver com um luto, o luto pela não escolha das outras ocupações que são

igualmente interessantes. O jovem precisa conviver com o fato de ter deixado de lado todas as outras profissões que não foram escolhidas, fantasiando a respeito de como seria sua vida se tivesse feito uma outra opção, se fez realmente a escolha certa, etc.

A escolha de uma carreira é também a escolha de um estilo de vida e, muitas vezes, é necessário abandonar algumas expectativas e valores familiares. Sabemos que escolher uma carreira significa assumir um papel ativo e maduro de transformação pessoal, acelerando o processo de separação dos pais e de independência. Seria desejável que a família atuasse de forma construtiva, dando espaço para que seus membros progridam como sujeitos e possam assumir os seus próprios projetos pessoais.